

GERAÇÃO VIDEOCLIP

ALUNOS DE CINEMA E VÍDEO LAMENTAM A FALTA DE DEFINIÇÃO DA UNIVERSIDADE NO QUE DIZ RESPEITO À OPÇÃO AUDIOVISUAL

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Uma nova geração de estudantes da UnB se prepara, com empenho, para assumir em breve os postos de cineastas e videastas da cidade. Para tal, enfrentam todas as adversidades. Sem professores e recursos para bancar a opção *Audiovisual* dentro da Faculdade de Comunicação, os poucos professores que sobraram (Pedro Jorge Castro, Marcos Mendes e David Pennington) acharam por bem não abrir novas turmas. E isto já acontece há quatro semestres.

Os alunos que hoje se dedicam ao cinema e ao vídeo — e que querem profissionalizar-se nestas áreas — já estão nos dois anos finais do curso. Eles lamentam "a falta de definição da Universidade com relação à opção *Audiovisual*, a enorme carência de professores, a demora na reforma do currículo, a falta de uma Cinemateca" e até "o fechamento (que já dura dois anos) do Cineclube Dois Candangos, única sala de cinema da Asa Norte". Como atenuante, lembram que, "a UnB dispõe de equipamentos bem melhores que os oferecidos, nos anos 60 e 70, a quem se aventurou a estudar cinema em Brasília". Com o fim da administração José Carlos Azevedo, a instituição montou o CPCE (Centro de Produção Cultural e Educativa) e recebeu doações da Fundação Cultural (uma moviola) e da Secretaria de Imprensa da Presidência da República (câmaras). Os futuros cineastas e videastas da UnB não precisam mais enfrentar a falta de equipamentos que atormentou a formação de cineastas como Marcos Mendes, Marcelo Coutinho, Pedro Anísio e Sérgio Moriconi. O CPCE dispõe — em especial na área de vídeo — de parque técnico respeitável.

A nova geração de estudantes de cinema costuma ser definida como "filha da TV e do vídeo (clip em especial). Ao invés de mergulhar na leitura de Eisenstein e outros teóricos do cinema, prefere um papo rápido sobre as últimas invenções do inglês Julien Temple. E entra em transe com os delírios visuais do polonês Zbigniew Rydzinski, o Hans Donner de fama planetária. Para agravar — no caso específico de Brasília — a moçada não tem acesso a acervos recheados de tesouros fílmicos como os das grandes cinematecas. Não pode desfrutar nem dos acervos das cinematecas brasileiras como matar, então, a fome de imagens vital a qualquer futuro cineasta?

Para responder a esta e outras questões, nada melhor que ouvir o cineasta Marcos Mendes, e alunos integrantes do Grupo de Cinema e Vídeo da UnB que, aos trancos e barrancos, vão gerando obras em películas e em fita magnética.

Tecnologia — Marcos Mendes, 37 anos, ex-aluno da UnB (e agora professor) lembra que nos anos 70, quando estudou na Faculdade de Comunicação, não se dispunha de muitos recursos técnicos. "Não tínhamos câmara, gravador, nem moviola. Conseguir película era uma aventura. Na área do vídeo, dispúnhamos de raros equipamentos". Mesmo assim — pondera — "conseguimos graças a esforços especiais de dois grandes professores (Heins Forthmann e Vladimir Carvalho) realizar filmes em Super-8, 16 e 35 milímetros". Com Forthmann e Vladimir, mestres confesos, Mendes aprendeu o essencial: "O compromisso com o ser humano". Com tal combustível — acredita — "o resto veio como consequência". E mais: "Estudar a história do cinema, tendo a linguagem e o compromisso com um mundo mais justo como munição, foi uma grande experiência".

Hoje — compara — "a nova geração de estudantes de cinema da UnB tem o privilégio de contar com um centro de produção ímpar". Afinal, "O CPCE é um dos maiores centros de produção universitária de audiovisual



Glenio Dettmar

Apesar de contar com bons equipamentos, os alunos de cinema da Universidade de Brasília enfrentam várias adversidades para concluir seu curso

do País".

O cineasta e professor da UnB continua, porém, apaixonado pela película, suporte do quase centenário cinema. "Já a nova geração" — analisa — "mantém relação mais próxima com o vídeo, por seu imediatismo. É mais pragmática e objetiva que a minha geração. Éramos há que se confessar, bem mais românticos."

Fotografia — José Eduardo Belmonte, 22 anos, aluno do sétimo semestre do curso de Cinema, e Alfredo Viana, 27, aluno que estagia há dois anos no CPCE, não corroboram a tese de que "a nova geração é filha da TV e do Vídeo". Ambos trabalham com a fita magnética, suporte do vídeo, mas o fazem por falta de outra opção. "Cinema em película é muito caro. Não dispomos de condições para nos exercitar como cineastas. Mas nossa intenção é fazer filmes".

Eduardo pretende tornar-se publicitário e diretor de fotografia. Para tal, tem-se dedicado com afinco, às atividades do Grupo de Cinema e Vídeo e lido muito. "Não nego" — diz ele — "que muito da minha formação vem-se dando na prática. Mas tenho lido o que me chega sobre cinema. Minhas últimas leituras foram *Arte e Percepção Visual*, de Rodolf Arhnein e *A Arte do Vídeo*, do Arlindo Machado, e os livros do Eisenstein, Wim Wenders, Truffaut/Hitchcock, além daquele volume dedicado ao Billy Wilder, John Houston e mais três diretores".

Confrontado com a lista dos cem títulos que escreveram a história do cinema (de *Saída dos Operários da Fábrica*, dos Irmãos Lumiere, 1895, até *Os Comediantes*, de Theo Angelopoulos, (1975), Eduardo provou ter visto mais da metade. Mesmo assim, admite que "não se forma um cineasta apenas com os filmes do Cine Brasília, Cultura Inglesa e algumas sessões na madrugada televisiva. É preciso muito mais. A cidade necessita de uma Cinemateca". Há o recurso — dispendioso — das viagens. "O André Luís da Cunha, um dos integrantes do Grupo de Cinema e Vídeo da UnB" — testemu-

Curso da UnB pode renascer das cinzas

O curso de cinema da UnB deve renascer, em breve, com currículo, professores e casa nova. Tudo leva a crer que deixará a Faculdade de Comunicação e se integrará ao Instituto de Artes (IdA), onde já atuam professores como o fotógrafo Fernando Duarte.

O cineasta e professor Marcos Mendes elaborou alentada proposta de novo currículo para o curso. No preâmbulo do projeto, ele lembra que "a UnB foi a primeira universidade brasileira a criar um curso de cinema. Pompeu de Sousa, fundador da Faculdade de Comunicação de Massas, em 1962, constituiu seu primeiro corpo docente, formado com Paulo Emílio Salles Gomes, Néelson Pereira dos Santos e Jean-Claude Bernardet".

O curso foi extinto pelo então vice-reitor José Carlos Azevedo, em 1972, e os alunos — Tisuka Yamazaki entre eles — acabaram transferidos para a Universidade Federal Fluminense. Renasceu, mais tarde, de esforços de Vladimir Carvalho, Fernando Duarte, Geraldo Moraes e Pedro Jorge. Hoje, com Vladimir e Moraes aposentados, o curso se ressentia de aguda falta de professores e de um currículo adequado aos novos tempos.

nha — "é um dos que viajam para ver filmes importantes, os chamados tesouros de cinemateca. Costuma frequentar a USP (Universidade de São Paulo) e cineclubes paulistanos.

José Eduardo é diretor de fotografia do filme de ficção *Sendo Assim* (16 mm), que estreará no Festival de Brasília, com assinatura dos alunos de Pedro Jorge e David Pennington. Como diretor, assina seis vídeos: *Prelúdio*, um trabalho experimental; *Eu Outro Eu* (com equipe), um clip para a Banda

Por isto, Marcos Mendes propõe que o primeiro ponto de estudo para viabilização do curso seja "sua integração com os setores artísticos (o IdA) e de produção (o CPCE), da UnB. Só uma integração verdadeira e oficial — postula — "poderá efetivar a criação de um curso profissional em nível de graduação".

A proposta do professor-cineasta está nas mãos do chefe da FAC, Sérgio Dayrell Porto. E, enquanto não se faz realidade, alunos (uma turma de dez) e professores (três) vão levando o curso como podem. "Os frutos" — garante Marcos Mendes — "são bons". Ex-alunos da escola, como César Mendes, seguem na profissão e firmam-se como realizadores. Entre os hoje estudantes, alguns já conseguem se impor. E a turma do Grupo de Cinema e Vídeo participa, como pode, de novos projetos. Só em película, neste momento, eles cuidam de cinco projetos: *Sendo Assim*, coordenado por Pedro Jorge e David Pennington; *Rito Krahô*, obra póstuma de Heins Forthmann; *O Peixe*, animação coordenada por Pennington; *O Vidreiro*, sob o comando de Marcos Mendes, e *Projeto JCV-II* (segundo curta em 16 mm dos alunos).

Krats, e trabalhos institucionais (sobre Bolsa de Estudos e Jogos Universitários).

Festival — Alfredo Viana é autor de dois vídeos, ambos sobre o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. O primeiro, realizado em 90, dura 12 minutos. O segundo, de 91, está em fase final de edição e deve ter igual duração. Para o CPCE já registrou vários eventos de natureza político-sindical-comunitária (Primeira Caravana Nacional de Moradia Popular e similares).

Formado em Tecnologia Educacional, pela Faculdade de Educação, ele agora cursa Cinema na Faculdade de Comunicação. Lê muito. Sua bíblia é o *American Cinematograph*, do American Syndicate Cinematograph, que lê em edição original. Dos brasileiros, lê o *Manual do Assistente de Câmara*, de Jorge Monclair. Entre os ensaístas, aprecia Ismail Xavier e Jean-Claude Bernardet. Lê, também, biografias de cineastas como Bergman, Polansky e Eisenstein.

Alfredo não vê a hora de se reabrir o Cineclube Dois Candangos e da UnB dispor de uma Cinemateca. "Para me atualizar, sou obrigado a ir a São Paulo, já que não contamos, em Brasília, com um circuito de igual qualificação. A Cultura Inglesa e o Cine Brasília cumprem seu papel e as Embaixadas, com seus acervos, funcionam como reforço. Mas é pouco, ainda".

Pólo de Cinema — Roger Garrido Madruga, 28 anos, tem perfil bem diverso do de seus colegas no Grupo de Cinema e Vídeo. Ele estudou Psicologia nos EUA, onde desenvolveu grande parte de sua carreira como atleta (nadador por 15 anos). Ao voltar ao Brasil, pensou em estudar Cinema, uma paixão antiga. Algum tempo depois, veio o projeto do Pólo de Cinema e Vídeo do DF. "Foi o estímulo que faltava", comenta. Como estudante de Cinema, ele admite que não tem uma boa formação teórica. Por ter passado oito anos nos EUA, acabei vivenciando experiência atípica. Lá, o que vale é o *show-business*, é o dinheiro. Daí, acabamos impregnados por pragmatismo muito grande".

Roberta Alpino, 21 anos, cursa o sétimo semestre do curso de Comunicação e faz estágio no CPCE. Ela atuou na equipe de Pedro Jorge que realizou o vídeo *O Artista da Fome* e, agora, está na equipe de *O Vidreiro*, de Marcos Mendes. Não aceita, para sua geração, o aposto de "filho da TV e do videoclip". Isto é preconceito puro — protesta.